ISSN: 2358-8829

PIBID/ALFABETIZAÇÃO: O ARTESANATO LOCAL COMO MEDIADOR NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E VALORIZAÇÃO DA CULTURA ALAGOANA

Carla Beatriz Ribeiro da Silva[1]
Jamile dos Santos Santana[2]
Nicole Oliveira de Lima[3]
Sandra Regina Paz[4]

INTRODUÇÃO

Este relato de experiência aborda como o processo de alfabetização pôde ser desenvolvido de forma contextualizada com a mediação da cultura alagoana. Possui como base teórica as contribuições de Paulo Freire, em sua obra Pedagogia do Oprimido (1987), ao destacar a importância de uma educação que envolva o sujeito com sua realidade de mundo, o que também dialoga com Magda Soares (2020), que, em sua obra Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever, apresenta o letramento como uma ferramenta significativa, considerando os diferentes contextos no processo de apropriação do código alfabético, entre outros autores, como Quijano (2009) e Mignolo (2003), que defendem uma educação decolonial que valorize saberes e culturas pouco representadas, rompendo com marcas da colonialidade do poder e do saber. O trabalho foi desenvolvido a partir do Projeto Institucional do PIBID/UFAL, por meio do projeto de intervenção “Alagoas e seus encantos: identidade, cultura e tradição”, integrado ao subprojeto “Alfabetização – Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, intitulado “(Co)formação de pedagogos(as) alfabetizadores(as) no contexto da Educação de Alagoas: pesquisa-ação colaborativa na interface escola-universidade”. Nesse contexto, foram realizadas atividades didático-pedagógicas que buscaram apresentar e valorizar a

[1] Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, carlab.rb100@email.com;
[2] Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, jamile.santana@cedu.ufal.br;
[3] Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, nicole.lima@cedu.ufal.br;
[4] Professora orientadora: Doutora em Educação e professora do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, sandra.paz@cedu.ufal.br;

ISSN: 2358-8829

identidade e a cultura alagoana em sala de aula, por meio de um trabalho interdisciplinar entre Arte e Língua Portuguesa, contribuindo para o processo de alfabetização de uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública localizada na cidade de Maceió-Alagoas.

Ao abordar o artesanato alagoano em sala de aula, é possível observar sua relevância no processo de alfabetização, uma vez que os estudantes podem atribuir conhecimentos às práticas artesanais, conhecendo diferentes trabalhos manuais que representam parte da cultura do estado de Alagoas. Dessa forma, a utilização do artesanato possibilita articular conhecimento relacionado à arte no desenvolvimento do código alfabético, dando reconhecimento e visibilidade à cultura alagoana em sala de aula e observando, assim, a articulação entre alfabetização e letramento. Nesse sentido, o presente trabalho teve como objetivo promover o processo de alfabetização de forma significativa e contextualizada com a cultura alagoana, possibilitando, por meio de práticas metodológicas, diálogos entre as pibidianas e as crianças em sala de aula acerca do artesanato alagoano. Para isso, foram realizadas um conjunto de sequências didáticas, resultando em atividades que envolveram a apresentação de um vídeo sobre o artesanato alagoano, seguida de diálogos com as crianças, do contato e da exploração de materiais artesanais e da criação de suas próprias obras artesanais, por meio de pinturas em garrafas recicladas. A partir dessa experiência, buscou-se desenvolver a escrita de forma contextualizada, relacionando a vivência com os conhecimentos trabalhados em sala de aula.

Como resultado, foi possível observar que o processo de alfabetização pode ser significativo quando envolve os estudantes com a realidade alagoana, possibilitando o reconhecimento de aspectos da sua cultura e o desenvolvimento da identificação e do sentimento de pertencimento. A abordagem do artesanato alagoano, de suas peças e de artesãos também possibilitou uma prática de educação decolonial, ao trazer para a sala de aula elementos da cultura alagoana que nem sempre são apresentados nesse espaço. Além disso, a experiência permitiu constatar as contribuições do PIBID para a formação acadêmica e docente das pibidianas e para a aproximação entre escola e universidade.

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A proposta pedagógica foi desenvolvida pelas pibidianas e pela professora supervisora, em uma escola pública localizada na cidade de Maceió, Alagoas, com uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental. Possuiu uma abordagem qualitativa, que na visão de Silva & Menezes (2005), distingue-se das perspectivas numéricas, uma vez que o objetivo não estava relacionado à quantificação ou à utilização de dados numéricos, mas à compreensão e interpretação da realidade contextual do artesanato de Alagoas, considerando as subjetividades e os significados atribuídos à cultura do povo alagoano. Nesse sentido, foi desenvolvido um projeto de intervenção pedagógica, que envolveu as pibidianas em pesquisas relacionadas ao artesanato alagoano, buscando conhecer peças e artistas que contribuem para a valorização da cultura alagoana. A partir dessas pesquisas, foi elaborado o planejamento das intervenções pedagógicas relacionadas ao artesanato, desenvolvidas no âmbito do projeto de intervenção pedagógica "**Alagoas e seus encantos:** identidade, cultura e tradição", criado com o objetivo de valorizar a cultura alagoana e suas diferentes manifestações.

O trabalho de intervenção foi realizado em dois dias, inicialmente, no primeiro dia, foi apresentado às crianças um vídeo disponível no YouTube sobre o artesanato alagoano. O vídeo apresentava uma breve introdução sobre a importância do artesanato para a cultura do povo alagoano, evidenciando também peças artesanais produzidas com fios e tecidos, como a renda filé; além de diversas peças produzidas com barro ou argila, couro, palha de coqueiro, entre outros materiais. Assim, foi possível conhecer nomes de artesãos alagoanos, como Dona Irinéia, de União dos Palmares, que produz peças feitas de barro que possuem características próprias, principalmente as cabeças, que constituem um dos principais destaques de sua produção. Posteriormente, após a exibição do vídeo, as pibidianas dialogaram com as crianças acerca da importância do artesanato alagoano, bem como sobre as diferentes peças e os nomes de artesãos que contribuem para o fortalecimento da cultura artesanal do estado. Logo após, as pibidianas realizaram uma dinâmica artística, na qual levaram garrafas recicladas e higienizadas para que as crianças produzissem, com tinta guache, suas próprias artes e peças artesanais, inspiradas nos elementos e nas figuras de Alagoas apresentados anteriormente. Em outro momento, foi realizada uma exposição com diferentes peças artesanais, como bordados, crochês, brincos, vestidos, entre outras, adquiridas pelas

ISSN: 2358-8829

próprias pibidianas, juntamente com as garrafas produzidas pelas crianças. Durante a exposição, os estudantes puderam observar e tocar as peças, conhecendo suas diferentes texturas, materiais e características, além de reconhecer suas próprias produções. Ao final, as pibidianas dialogaram novamente com as crianças sobre o artesanato e sua representação para a cultura alagoana.

Por fim, no segundo dia, as crianças desenvolveram, com o auxílio das pibidianas, uma atividade de produção de escrita coletiva sobre o artesanato alagoano. A turma foi dividida em grupos e, a partir de orientações e perguntas realizadas pelas pibidianas, os estudantes registraram, em folhas A4, o que haviam compreendido sobre o artesanato de Alagoas, suas peças, artesãos e sua importância para a cultura. Posteriormente, os registros escritos foram reunidos em uma cartolina intitulada "Artesanato de Alagoas", possibilitando o desenvolvimento de uma escrita reflexiva em grupo, com a mediação das pibidianas. Durante as atividades, as pibidianas acompanharam a participação, as interações e as produções das crianças, utilizando planejamentos e registros em imagens, armazenados no Drive, para documentar o desenvolvimento das intervenções e compreender como os estudantes se relacionavam com os elementos apresentados, especialmente no reconhecimento de peças artesanais presentes em seu cotidiano e na relação dessas experiências com o processo de alfabetização e a valorização da cultura alagoana.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ao trabalhar com o artesanato alagoano, buscou-se possibilitar que os estudantes compreendessem e refletissem sobre ele como expressão cultural, relacionando-o ao processo de aprendizagem e à apropriação da leitura e da escrita. O objetivo não foi alfabetizar de forma técnica e sistemática, apenas transmitindo ao discente a aprendizagem da leitura e da escrita de uma palavra qualquer de forma mecânica e destituída de sentido, como, por exemplo, "cadeira". Muito pelo contrário, buscou-se proporcionar aos estudantes uma aprendizagem da leitura e da escrita de forma contextualizada e significativa com sua realidade de mundo. Quando são apresentadas às crianças, em sala de aula, palavras como "Alagoas" e "artesanato alagoano", evidencia-se que, por trás dessas palavras, existem histórias, culturas e pessoas que

produzem arte, possibilitando que a aprendizagem da leitura e da escrita esteja relacionada ao contexto em que os estudantes estão inseridos.

Nesse sentido, o trabalho em discussão dialoga com as ideias de Paulo Freire (1987), ao defender uma educação que considere a realidade do mundo dos estudantes e seus saberes construídos a partir de suas experiências. Assim, as pibidianas conseguiram contribuir, desde cedo, para o desenvolvimento da consciência crítica nas crianças e para a compreensão do contexto em que estão inseridas. Como afirma Freire:

> Nosso papel não é falar ao povo sobre a nossa visão de mundo, ou tentar impô-lo a ele, mas dialogar com ele sobre a sua e nossa. Temos de estar convencidos de que a sua visão do mundo, que se manifesta nas várias formas de sua ação, reflete a sua situação no mundo, em que se constitui (Freire, 1987, p.87).

A partir dessa perspectiva, compreende-se que considerar a realidade dos estudantes também pode contribuir para tornar o processo de alfabetização mais significativo. Nesse sentido, as ideias de Magda Soares (2020) também contribuíram para a proposta desenvolvida, ao destacar a importância de articular a alfabetização ao letramento, considerando os contextos em que a leitura e a escrita são utilizadas. Dessa forma, trabalhar com palavras e conhecimentos relacionados ao artesanato alagoano possibilita que os estudantes não apenas se apropriem do código alfabético, mas também atribuam significado à leitura e à escrita a partir de elementos presentes em sua realidade.

Ademais, o presente trabalho, intitulado "**Alagoas e seus Encantos**: identidade, cultura e tradição", contribuiu para construção de uma educação em uma perspectiva decolonial ao apresentar elementos que compõem a cultura do estado de Alagoas e valorizar os saberes produzidos no contexto local. Nesse sentido, a utilização do artesanato alagoano como ferramenta pedagógica possibilitou aproximar as crianças de sua cultura, favorecendo a identificação e o sentimento de pertencimento ao seu contexto local. Essa perspectiva aproxima-se do pensamento decolonial discutido por Russell e Souza (2024), ao considerar a importância de ampliar vozes, saberes e experiências historicamente esquecidos ou pouco valorizados. Quando as pibidianas apresentaram o artesanato alagoano e peças artesanais confeccionadas com couro, palha de coqueiro, madeira, linhas e fios, além de artesãs e artesãos alagoanos, possibilitaram o contato das crianças com diferentes saberes e expressões culturais que, muitas vezes, não são apresentados no espaço escolar. Dessa forma, as pibidianas contribuíram para

ampliar a representatividade da cultura alagoana no contexto escolar, trazendo para as crianças conhecimentos e elementos culturais presentes em seu próprio território. Essa prática dialoga com Brighenti (2015), que enfatiza a relevância do reconhecimento dos múltiplos saberes e do pluralismo destes nas diferentes esferas da sociedade, bem como o reconhecimento das relações de poder, aspectos que podem contribuir para a construção de um projeto decolonial, como destaca o autor:

> As mudanças não ocorrerão apenas pela efetivação da lei, mas fundamentalmente pela transformação dos centros de ensino em lugares de múltiplos saberes, de reconhecimento do pluralismo jurídico, por mudanças nos marcos da relação de poder, pela construção de um projeto decolonial. (Brighenti, 2015, p. 8).

Nesse sentido, foi possível trabalhar contra práticas da colonialidade do poder, a qual, segundo Aníbal Quijano (2009), é compreendida como um modelo herdado do colonialismo, que se manifesta em diferentes esferas da sociedade, sejam elas materiais ou subjetivas, articulando-se à colonialidade do saber, que Mignolo (2003) apresenta como a centralidade do saber europeu nas relações de poder, invalidando outros saberes e posicionamentos. Ao trazer para o espaço escolar elementos da cultura alagoana que muitas vezes não são apresentados, buscou-se valorizar saberes e experiências locais que podem ser invisibilizados por essas práticas.

Diante do exposto, as pibidianas buscaram compreender como abordar em sala de aula uma educação contextualizada com a realidade de vida dos estudantes, que valorizasse seus saberes e culturas, representando e enaltecendo o estado de Alagoas por meio do processo de alfabetização, articulado ao letramento. Dessa forma, buscou-se também promover o desenvolvimento do código alfabético por meio de uma educação decolonial, valorizando o estado de Alagoas e possibilitando que os estudantes desenvolvessem uma reflexão crítica sobre sua realidade e sobre a importância da cultura alagoana.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado, foi possível observar o conhecimento e produção de peças artesanais na realidade dos estudantes, em que alguns deles identificaram peças, como crochês, chinelas e materiais de madeira presentes em sua realidade familiar. Algumas dessas peças, como o crochê, eram produzidas por seus familiares. Nesse sentido,

conforme mencionado por Freire (1987), em que discute em sua obra Pedagogia do Oprimido, é possível ensinar ao estudante a partir de sua realidade de mundo, e foi isso que as pibidianas buscaram fazer ao apresentar o artesanato alagoano como patrimônio cultural material do estado de Alagoas. O código alfabético foi desenvolvido a partir da experiência e da intervenção que os estudantes tiveram com a abordagem do artesanato alagoano, gerando, assim, uma aprendizagem significativa no processo de escrita e leitura, uma vez que a criança aprende uma palavra de forma contextualizada e significativa, e não como uma palavra isolada de sua realidade ou de forma mecânica. Por exemplo, a palavra "vestido" não foi apresentada de forma solta e isolada, mas contextualizada com os materiais artesanais, como um produto feito à mão de crochê, bordado ou outros tipos de fios, presentes nas produções dos artesãos alagoanos. Assim, relacionando a alfabetização ao contexto social e cultural em que a criança se encontra, evidenciam-se como as ideias de Soares (2020), ao articular alfabetização e letramento, contribuem para uma apropriação significativa do código alfabético, fazendo com que os estudantes desenvolvam a leitura e a escrita de forma contextualizada.

Destaca-se com a experiência, que foi evidente o sentimento de pertencimento e identificação dos estudantes com o estado de Alagoas durante todo o projeto, especialmente, com o desenvolvimento de atividades com o enfoque do artesanato alagoano, uma vez que conseguiram se enxergar por meio de familiares e produções artesanais presentes em seu cotidiano, reconhecendo-o como representante da cultura do Estado. Isso dialoga com as ideias de Russell e Souza (2024), ao evidenciarem que o pensamento decolonial busca valorizar os saberes, histórias e experiências de um povo e de um lugar pouco visibilizado ou até mesmo invisibilizado. Esse foi o caso da intervenção na escola, uma vez que as crianças já conheciam algumas peças artesanais, mas não tinham conhecimento da dimensão do artesanato alagoano e de como ele compõe a cultura do Estado. Assim, a partir de uma educação decolonial, foi possível ampliar esse conhecimento e possibilitar que os estudantes reconhecessem e valorizassem esses saberes como parte de sua própria cultura, sentindo-se pertencentes a ela, rompendo, assim, com marcas da colonialidade do poder e do saber, discutidas por Quijano (2009) e Mignolo (2003).

Por fim, evidencia-se o resultado que o PIBID possui na formação docente e acadêmica das pibidianas, uma vez que possibilita o desenvolvimento de práticas de pesquisa, leitura, escrita, planejamento de aulas e intervenções em sala. Ademais,

evidencia-se o fortalecimento da relação entre escola e universidade, como uma via dupla, em que ambos os lados se desenvolvem e se fortalecem por meio de projetos que contribuem para uma formação crítica e reflexiva, valorizando identidades, saberes e vozes. Essa importância do PIBID para a formação docente também se evidencia com a recente Lei nº 15.518, de 22 de setembro de 2026, que institui o programa no âmbito do Ministério da Educação e da Capes, destacando a formação inicial de professores, a articulação entre educação superior e educação básica e a união entre teoria e prática. Dessa forma, os resultados apresentados neste relato evidenciam a contribuição do PIBID tanto para a formação das pibidianas quanto para a aproximação entre universidade e escola pública.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contudo, evidencia-se que a experiência com o trabalho desenvolvido no PIBID/Alfabetização contribuiu para o fortalecimento e desenvolvimento do processo de alfabetização e para a compreensão de como esse processo pode ser potente quando articulado ao contexto sociocultural dos estudantes. A experiência possibilitou trabalhar a valorização do estado de Alagoas e de sua cultura por meio de uma educação decolonial, buscando romper com práticas tradicionais do currículo e favorecer a valorização e a visibilidade de saberes, culturas, identidades e vozes que, muitas vezes, não são evidenciados no espaço escolar. Além disso, o PIBID contribui para a formação crítica e reflexiva tanto dos estudantes quanto das pibidianas, uma vez que possibilita pensar, planejar e desenvolver práticas pedagógicas que considerem a realidade dos estudantes e aquilo que será abordado em sala de aula. Nesse processo, a relação entre escola e universidade também se fortalece, possibilitando a troca de conhecimentos e experiências entre os diferentes sujeitos envolvidos. Dessa forma, compreende-se que o PIBID contribui não apenas para a formação docente e acadêmica das pibidianas, mas também para a construção de práticas educativas que valorizem os estudantes, seus contextos, saberes e culturas, favorecendo uma educação mais crítica, reflexiva e contextualizada.

Palavras-chave: Artesanato alagoano; Alfabetização e Letramento; Escola-Universidade; Cultura Alagoana, pibidianas.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço à minha mãe e ao meu pai por me mostrarem o caminho da educação, por todo o apoio, carinho e incentivo aos meus estudos, por sempre acreditarem em mim e me motivam Agradeço também ao PIBID, por fazer parte da minha jornada acadêmica e contribuir tanto para minha formação. Em especial, à nossa coordenadora, professora Sandra Regina Paz, por todo carinho, orientação e incentivo, uma excelente profissional que me inspira. Agradeço ainda a todas as pibidianas, pela parceria, acolhimento, cuidado e pelas trocas e aprendizagens compartilhadas durante esse processo, e também à nossa professora supervisora.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID).** Brasília, DF: CAPES, 2024.

BRASIL. **Lei nº 15.518, de 22 de setembro de 2026**. Institui o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). Diário Oficial da União: Brasília, DF, 23 set. 2026. Disponível em: https://www.in.gov.br/web/dou/-/lei-n-15.518-de-22-de-setembro-de-2026-733476413. Acesso em: 25 set. 2026.

BRIGHENTI, Clovis Antonio. **Decolonialidade, ensino e povos indígenas:** uma reflexão sobre a Lei nº 11.645. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. Anais eletrônicos. Florianópolis: ANPUH, 2015. p. 4-7.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais:** colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder e classificação social.** In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (orgs.). Epistemologias do Sul São Paulo: Cortez, 2009. p. 84-13.

RUSSELL, Eduardo Silva; SOUZA, Maria Inês Galvão Flores Marcondes de. Práticas decoloniais no ensino de língua e literaturas: uma pesquisa com professores(as). **Revista de Educação PUC-Campinas**, Campinas, v. 29, e2410495, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.24220/2318-0870v29a2024e10495. Acesso: 25 set. 2026.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação.** 4. ed. Florianópolis: UFSC, 2005.

SOARES, Magda. **Alfaletrar:** toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.